

O Brasil de volta ao mapa da fome: A pandemia da covid-19 e a cobertura sobre a insegurança alimentar no Espírito Santo¹

Gilson Arão JÚLIO NETO²
Rafael Paes HENRIQUES³

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Espírito Santo

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de realizar uma reflexão teórica conceitual sobre a instituição jornalística na cobertura de interesse público a partir das contribuições de FRANCISCATO (2003), GUERRA (2008). Para tanto, realiza-se breve análise de reportagens do Jornal A Tribuna sobre a insegurança alimentar no Espírito Santo no contexto da pandemia da covid-19 durante o mês de março de 2020 a julho do mesmo ano. Os resultados iniciais mostram que a insegurança alimentar foi abordada numa dimensão condicionada a questões econômicas e de saúde pública, os personagens participam das entrevistas e relatam conviverem em situação de insegurança alimentar, mas a realidade deles, não é aprofundada ganhando evidência na cobertura, ela aparece nas reportagens analisadas de forma silenciada e isolada. Nesse sentido, propõe-se recorrer as teorias do jornalismo para investigar a prática jornalística, o papel social e o enquadramento noticioso realizado na cobertura sobre a fome no Espírito Santo.

PALAVRAS-CHAVE

Saúde, Insegurança Alimentar, Cobertura Jornalística, Fome, Pandemia da Covid-19,

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2021.

² Jornalista mestrando em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo

³ Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo e orientador do trabalho

INTRODUÇÃO

Nos últimos meses, milhares de casos de insegurança alimentar grave em famílias brasileiras têm retornado novamente ao noticiário de jornais⁴ como mais um dilema social a ser encarado no Brasil, ganhando evidência e tomando uma proporção devido aos diversos efeitos da pandemia do novo coronavírus

O interesse em analisar a cobertura jornalística face ao tema proposto, baseia-se na produção de reportagens retratando o avanço da fome e na observação de uma pesquisa⁵ com execução da Vox Populi e em parceria com a ActionAid Brasil, Fundação Friedrich-Ebert Brasil, Instituto Ibirapitanga e Oxfam Brasil, divulgada em abril de 2021, realizada nos últimos meses de 2020 pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar, Rede PENSSAN, cujo resultado possibilitou na criação do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil.

Os resultados do inquérito mostram que nos três meses anteriores à coleta de dados, menos da metade dos domicílios brasileiros (44,8%) tinha seus (suas) moradores (as) em Segurança Alimentar. Dos demais, 55,2% que se encontravam em Insegurança Alimentar; 9% conviviam com a fome, ou seja, estavam em situação de insegurança alimentar grave, sendo pior essa condição nos domicílios de área rural (12%).

Do total de 211,7 milhões de brasileiros, 116,8 milhões conviviam com algum grau de Insegurança Alimentar e, destes, 43,4 milhões não tinham alimentos em quantidade suficiente e 19 milhões de brasileiros enfrentavam a fome. Observou-se, que a Insegurança Alimentar grave no domicílio dobra nas áreas rurais do país, especialmente quando não há disponibilidade adequada de água para produção de alimentos.

Uma das indagações a serem realizadas com o desenvolvimento do presente trabalho, busca compreender como e porque o país regrediu 15 anos em 5 no que diz respeito à fome? Como reverter esse cenário? A fome retornou aos patamares de 2004? Um segundo estudo realizado com a Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018: Análise da Segurança Alimentar no Brasil realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com a população de 207,1 milhões de habitantes 122,2 milhões eram moradores em domicílios com a condição de segurança alimentar assegurada, enquanto

⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/01/volta-do-brasil-ao-mapa-da-fome-e-retrocesso-inedito-no-mundo-diz-economista.shtml>

⁵ Disponível em: < http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf>

84,9 milhões conviviam com o cenário de insegurança alimentar, assim distribuídos: 56 milhões em domicílios com insegurança alimentar leve, 18,6 milhões em domicílios com insegurança alimentar moderada e 10,3 milhões de pessoas residentes em domicílios com insegurança alimentar grave.

Com isso, a pesquisa mais recente realizada pela Rede PENSSAN aponta crescimento no eixo insegurança alimentar grave, com mais de 9 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar grave, quer seja, 19 milhões de brasileiros, passando fome atualmente no país.

A crise econômica agravada pela pandemia está fazendo com que a insegurança alimentar se alastre inclusive entre os que não se encontram em condição de pobreza. O problema da insegurança alimentar no Brasil é histórico e sempre foi motivo de preocupação dos governos do país e há um tempo não ganhava protagonismo nas pesquisas e manchetes de jornais.

Esses são motivos que impulsionam a compreender a realidade apresentada e existente, visando trazer a problemática como objeto de estudo central da dissertação a ser construída. Outro fator que contribui de maneira significativa passa pela atenção em registrar acontecimentos sociais com o olhar humanizado para produção de pesquisas com o viés humanista e que tenha a capacidade de fomentar conhecimento científico no campo da comunicação e no jornalismo.

Este trabalho está dividido em três partes, no primeiro capítulo, discute-se a insegurança alimentar como problema de saúde, entendendo a insegurança alimentar como um problema associado a questões nutricionais, portanto incorpora-se a discussão como um fator inerente a saúde da pessoa humana. Em seguida realiza-se o debate da cobertura de interesse público realizada pela instituição jornalística, no terceiro e último capítulo, apresenta-se algumas reportagens retratando essa realidade do ES pelo Jornal A Tribuna, realiza-se uma breve análise.

O presente trabalho assume a perspectiva de metodologia qualitativa. Partindo da proposta de se realizar uma reflexão teórica conceitual permeando ambos conceitos citados acima. Para Britten (2011) “A qualidade da pesquisa qualitativa deve ser entendida nos termos dos posicionamentos epistemológicos e ontológicos desse tipo de pesquisa, e não por contraste com os fundamentos positivistas” (BRITTEN, 2011, p.386)

Feita como deve ser, a pesquisa qualitativa é rigorosa, exige trabalho intenso tais como revisão bibliográfica, leitura intensa, fichamentos textuais, produção de estado da

arte, pelo que consome muito tempo. Não existem, no entanto, soluções fáceis ou mecânicas que possam garantir a ausência de erros como qualquer outra teoria, mas ela serve para a sua finalidade específica.

Como método escolhido desta teoria, aplicou-se a revisão bibliográfica. Para Silva e Menezes (2009), o trabalho utilizado da técnica de revisão bibliográfica deve: “abordar domínio teórico sobre o tema, quais as lacunas existentes e os principais entraves teóricos. De acordo com o objetivo da pesquisa, a revisão apresenta determinado conteúdo”. (SILVA e MENEZES, 2009, p. 42).

A autora ainda segue sua linha de raciocínio explicando que a revisão bibliográfica é importante na obtenção de informações sobre a situação atual do tema ou problema pesquisado no conhecimento das publicações existentes sobre o tema e os aspectos que já foram abordados; e na verificação das opiniões similares e divergentes, além dos aspectos relacionados ao tema ou ao problema de pesquisa. Silva e Menezes (2009).

1. A (IN) SEGURANÇA ALIMENTAR COMO PROBLEMA DE SAÚDE

Inicialmente é importante salientar e distinguir a existência de níveis da segurança alimentar para que o leitor adquira uma noção ao reconhecer a questão nutricional como um fator inapelavelmente associado à saúde da pessoa humana.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece que a insegurança alimentar possibilita danos à saúde humana, A OMS define a fome como uma sensação desconfortável ou dolorosa causada por energia insuficiente da alimentação. Seja pela privação de alimentos; como por exemplo, não comer calorias suficientes, discutido aqui de forma intercambiável com subalimentação (crônica). Insegurança alimentar moderada: um estado de incerteza sobre a capacidade de obter alimentos; risco de pular refeições ou ver comida acabar; sendo forçado a comprometer a qualidade nutricional e/ou quantidade dos alimentos consumidos. Insegurança alimentar grave: ficar sem comida; fome experimentada; no extremo, ficar sem comer por um dia ou mais. Má nutrição: condição associada a deficiências, excessos ou desequilíbrios no consumo de macro e/ou micronutrientes. A fome é considerada uma das mais marcantes manifestações na história da humanidade pelas condições socioeconômicas de uma sociedade com desigualdades extremas.

No Brasil, a insegurança alimentar teve uma redução significativa entre 2003 a 2014. A partir de 2015, o país começa a retroceder neste cenário diante do crescimento do índice de

desigualdade social que foi observado na Pesquisa de Orçamentos Familiares⁶ do IBGE divulgada em 2018 quando apontou que 10 milhões e quinhentas mil pessoas se encontravam em insegurança alimentar grave. Nesta pesquisa⁷, o Estado do Espírito Santo, aparece com 425 mil domicílios em situação de insegurança alimentar, esse resultado mostra que a fome atinge três a cada dez lares do Espírito Santo, à época quer seja, 2018 quando a pesquisa foi realizada.

A insegurança alimentar como problema de saúde começa a ser encarada nesse sentido, não pela falta de alimentos para consumo humano, mas também pelo consumo demasiado e excessivo desses gêneros alimentícios, fato que contribui para obesidade dos seres humanos – questão introduzida no início desse capítulo. AGUIRRE (2004) salienta que “nas camadas populares, sobretudo na América Latina, desenvolveu-se uma espécie de fome-obesa, distinto dos transtornos alimentares que podem ocorrer nas classes sociais mais abastadas” (AGUIRRE, 2004, p. 6).

É importante ressaltar que a pessoa obesa possui facilidade em adquirir patologias devido à vivência na condição de sobrepeso como as enfermidades cardiovasculares e diabetes, esta situação na pandemia da covid-19, foi tratada como uma questão de comorbidade⁸ pois os pacientes que foram contaminados com o novo coronavírus, em situação de obesidade, apresentavam dificuldades de recuperação quando eram expostos à contaminação do novo coronavírus.

Dessa forma, FREITAS & PENA (2020) cita que nos últimos 20 anos o Brasil passou a vivenciar a realidade de insuficiência nutricional ocasionada e influenciada fortemente pelo acesso a alimentos de baixa qualidade, pouco carboidrato, massas semiprontas e consumo de refrigerantes. Outro fator considerável e importante tem a ver com a permanência de acesso de alimentos suficientes, saudáveis e de elevada qualidade para o ser humano. Nesse sentido, FREITAS & PENA (2020) adverte que “vale recordar a noção sobre o termo segurança alimentar e nutricional, o qual não significa apenas disponibilidade do alimento do mercado, mas a permanência de acesso. A inconstância do alimento para o indivíduo, produz incerteza ou insegurança de viver e medo da fome. (FREITAS & PENA, 2020, p. 36). Castro (2003)

⁶ Disponível em < <https://dados.gov.br/dataset/of-pesquisa-de-orcamentos-familiares>>

⁷ Disponível em < <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/09/17/fome-aumenta-no-espírito-santo-e-atinge-425-mil-lares-aponta-ibge.ghtml>>

⁸ Comorbidade ocorre quando duas ou mais doenças estão etiológicamente relacionadas; comorbidade diagnóstica ocorre quando as manifestações da doença associada forem similares às da doença primária

defende a fome como “força social” segundo o autor a fome possibilita no ser humano uma conduta que pode ser das mais desconcertantes

Nenhuma calamidade pode desagregar a personalidade humana tão profundamente e num sentido tão nocivo quanto a fome quando atinge os limites da verdadeira inanição. Excitados pela imperiosa necessidade de se alimentar, os instintos primários são despertados e o homem, como qualquer outro animal faminto, demonstra uma conduta mental que pode ser das mais desconcertantes (CASTRO, 2003, p.79)

Entre os diversos significados lançados para o fenômeno da fome, destaca-se a existência da calamidade preconizada pelo autor como algo capaz de desagregar a própria personalidade humana, algo que retira a noção de ser e de existir socialmente da pessoa no mundo. A fome que corrói a existência humana, ocasionando atravessamentos que se deparam como uma confusão mental devido a inserção dos indivíduos sociais no patamar de exclusão em detrimento do contexto da vulnerabilidade social.

2. A INSTITUIÇÃO JORNALÍSTICA NA COBERTURA DE INTERESSE PÚBLICO

Para pensar a prática jornalística numa perspectiva de cobertura de interesse público como a questão da insegurança alimentar recorre-se ao conceito de agendamento. Neste sentido, a imprensa capixaba⁹ começa a agendar a cobertura dessa realidade ao noticiar circunstâncias relacionadas a dificuldade de alimentação da população residente em territórios de extrema vulnerabilidade social do Estado – como as periferias urbanas situadas na Grande Vitória, situação provocada com a pandemia da covid-19. Segundo MCCOMBS (2004) a todo instante, dezenas de assuntos se digladiam na esfera pública a fim de captar a atenção do público

Enquanto muitos temas competem pela atenção do público, somente alguns são bem-sucedidos em conquistá-lo, e os veículos noticiosos exercem influência significativa sobre nossas percepções sobre quais os assuntos mais importantes. (MCCOMBS, 2004, p. 19).

O professor FRANCISCATO (2003) considera o agendamento “como uma manifestação particular da relação entre a notícia e a ação pública” (p. 289). Segundo o autor, a literatura que compreende o debate sobre a agenda social proporciona indicativos

⁹ Referência ao Jornal A Tribuna e ao Portal Online A Gazeta ambos considerados veículos de comunicação de maior audiência em todo o Estado do Espírito Santo

de que o agendamento “é uma forma particular de simultaneidade, ao revelar modos como a agenda circula e se espalha socialmente, tendo a mídia como um eixo fundamental” (FRANCISCATO, 2003, p. 300). Entende-se que existem muitos fatores e circunstâncias que estão por detrás de um fato ou acontecimento até que chegue a ser noticiado/publicado na mídia tais como: relevância, interesse público, aspectos que envolvem a linha editorial do veículo de comunicação, além de critérios da noticiabilidade.

A expansão contínua do agendamento, tem possibilitado identificar os aspectos da linguagem do jornalismo, especialmente na cobertura dos assuntos de interesse público. A mídia nas coberturas sobre o contexto da insegurança alimentar pode ser compreendida como uma produtora de sentidos coletivos ao ordenar narrativas sobre contexto social, modos de viver e noções de risco.

Em relação a cobertura jornalística, na condição de profissional atuante e com experiência adquirida em redação, acredita-se que primeiramente, a demasiada quantidade de acontecimentos que surgem precisam passar por uma triagem, uma espécie de etapa que identifica, classifica e contextualiza. Para tanto, defende-se que os jornalistas compreendam a base do conhecimento cultural da sociedade. É necessário que se tenha noção de natureza consensual da sociedade. Para HALL (1993) “Existimos como membros de uma sociedade porque – é suposto – partilhamos uma quantidade comum de conhecimentos culturais com os nossos semelhantes” (HALL, 1993, p. 226).

Bonfim (2004) ao desenvolver pesquisa sobre políticas públicas de combate à fome no Brasil, constatou que a cobertura jornalística sobre a fome, detinha à época, na maioria das reportagens pesquisadas, fontes autorizadas, quer seja, fontes oficiais, desprezando consideravelmente os movimentos sociais ou as pessoas vítimas do problema da insegurança alimentar.

Epstein (2008) realiza uma crítica ao salientar que os valores-notícia em geral carrega consigo uma espécie de dificuldade em acolher a necessidade de informar a população sobre as questões de saúde, em especial a os menos favorecidos socialmente. “Então, nem sempre o que o jornalismo apresenta coincide com aquilo que as pessoas precisam saber sobre sua saúde” (EPSTEIN, 2008, p. 134).

Dessa forma acredita-se que a teoria estruturalista, bem como a teoria construcionista, podem servir de auxílio nesta problemática levantada anteriormente, pois ambas levam em consideração o contexto social da construção da notícia. A socióloga

norte-americana Gaye Tuchman – que é referência na consolidação da teoria construcionista, reconhece a importância do contexto social na elaboração das notícias, os critérios da noticiabilidade, mas esta defende de forma prioritária a necessidade a realização de estudos massivos sobre a comunidade jornalística e suas práticas.

Diante do desafio das redações de elaborar notícias todos os dias, os jornalistas e as empresas jornalísticas criam estratégias para cumprir essas horas de fechamento, algo que compromete a construção da realidade, pois a aproximação do jornalista com as fontes oficiais não deve ser vista como uma questão ideológica, mas como uma necessidade urgente de informação.

Portanto, faz-se necessário realizar o debate da imprensa como uma instituição social, que ao mesmo tempo em que evoca é invocada socialmente. Assumindo assim, um papel social muito relevante e necessário para a sociedade. Esta questão se define como eixo central da produção da dissertação em andamento, além de fortalecer o debate da imprensa como instituição jornalística, também realiza-se esforços para discorrer acerca do jornalismo como forma particular de conhecimento, pois o jornalista precisa conhecer a realidade inserida na notícia construída. Nosso objetivo em reconhecer o jornalismo como forma de conhecimento específico, com um olhar próprio para o mundo incluindo, assim, a cobertura exclusivamente informativa que também conhece, em alguma medida, os acontecimentos em que se descreve.

A base da instituição jornalística se resume entre fatos, acontecimentos e as pessoas que dão ênfase como personagens das histórias e fatos no processo da construção da notícia e existe dois aspectos que complementam essa atividade a função e o uso da informação. “A mediação entre os fatos da realidade e as pessoas a quem possam interessar, base do contrato que funda a instituição jornalística, é caracterizada por dois aspectos complementares entre si: a função e o uso da informação. (GUERRA,2008, p. 127)

Em relação sobre a maneira como essa instituição se configura Guerra (2008) explica que

A instituição jornalística se estrutura, portanto, em torno de um trabalho que lhe é próprio e que consiste em operar uma mediação cognitiva entre aspectos da realidade e os indivíduos que não puderam estar em contato direto com tais fatos, mas que nutrem por eles algum tipo de expectativa. Este trabalho da instituição apresenta duas dimensões: normativa e empírica. (GUERRA, 2008, p. 146)

Nesse sentido, é possível compreender a forma como o conceito de instituição é elucidado acima pelo autor quando se exemplifica que essa instituição já se consolida em torno de uma cobertura exclusiva e diária acerca dos acontecimentos sociais realizada pelos jornalistas que constroem a notícia diante de uma mediação social entre os indivíduos que não puderam estar presentes e em contato com os fatos para interpreta-los e apresenta-los a sociedade. Essa instituição social comumente conhecida como imprensa.

3. ANÁLISE DAS REPORTAGENS DO JORNAL A TRIBUNA¹⁰



Esta matéria foi publicada pelo Jornal A Tribuna no dia 04 de abril de 2020, aproximadamente há um mês da pandemia da covid-19 ser reconhecida pela Organização Mundial da Saúde e os efeitos da insegurança alimentar no município de Vitória começa a aparecer. A personagem em questão é uma mulher negra, diarista, o contexto da pauta está atrelado a esperança e a expectativa dos capixabas quanto ao recebimento do auxílio emergencial anunciado pelo Governo Federal. A fonte explica que a situação começa a ser desesperadora e preocupante pois com o isolamento social ficou sem ter como trabalhar. Ela reforça em um momento do relato que precisa sustentar dois filhos e que está sobrevivendo com o ajuda de amigos e vizinhos que doaram cestas básicas. Foi

¹⁰ O Jornal A Tribuna é jornal impresso, assumidamente popular, que em 2022 completa 84 anos de fundação. É o único com circulação diária em todo o Espírito Santo.

possível identificar que houve espaço de escuta, diante do relato exposto pela personagem, porém, é possível notar a condução da entrevistada reportar sua expectativa para receber o auxílio, o fato dela viver na insegurança alimentar sendo ajudada por vizinhos com cestas básicas, aparece no final da matéria e seu relato acaba sendo naturalizado por causa do recebimento da cesta básica como uma espécie de alívio para amenizar a fome da sua família enquanto o auxílio não chega.



SHANDLEY ficou nove horas aguardando em frente à agência da Caixa por correr risco de ser despejado de casa

Marmita de sopa dividida na fila

Sem trabalho de carteira assinada há mais de dois anos, o ambulante Shandley Wendel Gomes da Silva Mattos, de 28 anos, viu sua história de vida se complicar ainda mais com a crise causada pela pandemia de Covid-19.

Trabalhando todos os dias em terminais de ônibus, dentro dos terminais e também pelas ruas da

cidade, ele enfrenta o lamento social.

Prestes a ser despejado, Shandley se viu obrigado a vender todo o seu material de trabalho (fones de ouvido e carregador de celular) por um valor abaixo do mercado aos seus "parceiros de luta" – como ele se referiu a outras pessoas que também são ambulantes – para ter dinheiro para honrar com o

vendedor ficou otimista. Mas como muita coisa em sua vida não foi fácil, desta vez não seria diferente. Ele passou 9 horas na fila da agência da Caixa Econômica Federal de Campo Grande, em Cariacica, para receber o benefício e disse que se precisasse dormiria por lá.

Enquanto esperava para sacar o auxílio (ele nasceu em março)

No dia 2 de maio de 2020, o Jornal A Tribuna, novamente, retorna cobertura da expectativa do auxílio emergencial com uma reportagem especial, retratando que falta dinheiro para pagar ajuda emergencial, de acordo com a reportagem a demora do governo para fazer pagamento à população se deve à ausência de recursos, pois mais gente precisa da renda que o previsto. Nesse cenário, está o Shandley de 28 anos, que trabalha todos os dias em terminais de ônibus, a matéria cita que ele foi "pego de surpresa" pela crise econômica desencadeada pela pandemia. Ele ficou 9 horas na fila da agência da Caixa Econômica Federal, enquanto esperava para sacar o auxílio que trabalha todos os dias em terminais de ônibus, a matéria cita que ele foi "pego de surpresa" pela crise econômica desencadeada pela pandemia, enquanto esperava para sacar o auxílio o personagem conta que contou com a ajuda de um morador de rua, que dividiu com ele uma marmita de sopa doada por voluntários. Nesta matéria, novamente percebe-se que não houve sequer algum tipo de ligação com a insegurança alimentar, mesmo o personagem mencionando que

estava sem alimentação e que havia realizado sua refeição com ajuda de pessoas em situação de rua que haviam sido amparados com ajuda de grupos sociais.

Homem infarta na fila por auxílio

Após chegar ao banco às 2h40 da madrugada e ficar 6 horas na fila, trabalhador, que é diabético e hipertenso, está em estado grave

**Brunella França
Ivy Coutinho**

A necessidade de sacar o dinheiro do auxílio emergencial pago pelo governo federal fez com que o operador de máquinas Antonio de Oliveira, de 55 anos, madrugasse em frente a uma agência da Caixa Econômica Federal em Serra-Sede, na Serra. Ele teria chegado por volta das 2h40 da madrugada de ontem.

Após esperar na fila por seis horas, o trabalhador que é hipertenso, diabético e perdeu o emprego por conta da crise provocada pela pandemia da Covid-19 teve um infarto. Por volta das 8h40, Antonio passou mal enquanto esperava pelo atendimento na Caixa.

Ele está em estado grave, internado no Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes (Humcam), em Vitória. Até o fechamen-

to da edição, o hospital não forneceu mais informações.

Segundo Vera Lúcia David, pensionista de 59 anos e irmã de Antonio, ele teve três paradas cardíacas até o início da noite de ontem.

“Ele está muito mal. É hipertenso e diabético. Fuma e bebia muito. Só parou porque o médico disse que se ele não parasse, iria morrer. Na fila, ele ficou nervoso com a situação e passou mal. Só está vivo porque o reanimaram”, explicou.

Desempregado há dois meses devido a cortes feitos na empresa onde trabalhava em São Mateus, Antonio viu no benefício uma forma de ajudar a pagar as contas da casa e ajudar a irmã, com quem mora há 25 anos, após ficar viúvo.

“Moramos numa quitinete de três cômodos, eu, meu filho, dois netos e o Antonio. Agora, estamos sobrevivendo com o dinheiro da minha pensão, que é de um salário mínimo, porque o Antonio e o meu filho estão desempregados. Ambos foram dispensados por causa da pandemia”, disse Vera.

Ainda segundo Vera, a família não está numa situação mais crítica porque estão recebendo ajuda da comunidade de Planalto Serrano, na Serra, onde moram.

“Passamos dificuldades, mas só não está pior porque recebemos



AGLOMERAÇÃO NA FILA para ser atendido na agência da Caixa Econômica de Campo Grande, em Cariacica

Espera é desnecessária, diz Caixa

A Caixa Econômica Federal informou que não há necessidade de data”, informou a assessoria. Sobre o operador de máquina Ministério Público Federal no Espírito Santo (MPF-ES) em virtude

No dia 6 de maio de 2020, uma matéria desperta atenção para o fato de um homem de 55 anos enfatar na fila depois de 6 horas à espera do auxílio emergencial, a personagem da entrevista é a irmã da vítima, que sofreu três paradas cardíacas. O aplicativo da Caixa apresentou problemas e por esse motivo o homem precisou parar na fila de madrugada. Por ser hipertenso e diabético, ele ficou nervoso com a situação e passou mal. A entrevistada é pensionista com renda de um salário que vive junto do seu irmão numa quitinete relata conviver com problemas de insegurança alimentar, mas alega ser assistida pela igreja.

Percebe-se que quando a entrevistada menciona seu convívio com a falta de alimentos em seu domicílio, a matéria segue discorrendo sobre o auxílio emergencial que foi o enfoque da matéria, porém, os impactos desses efeitos não são discutidos.

2 ATRIBUNA VITÓRIA, ES, DOMINGO, 28 DE JUNHO DE 2020

Reportagem Especial

ISOLAMENTO SOCIAL

Alimentação piora e aumenta risco de doenças

Pesquisas mostram que brasileiro está comendo mais e de forma errada, ingerindo produtos industrializados, por exemplo, na quarentena

Lorrany Martins

O isolamento social, necessário para o combate ao novo coronavírus, mudou não só a forma de trabalhar ou de se relacionar. A alimentação também sofreu mudanças, em muitos casos para pior, indicam pesquisas. Esse comportamento diminui a imunidade e aumenta o risco de doenças.

Estado do Instituto de pesquisa Ipos avaliou como a Covid-19 está impactando as pessoas e mostrou que 39% dos brasileiros ouvidos declararam comer demais em decorrência da pandemia.

Outro estudo, feito pela Fundação Oswaldo Cruz, em parceria com a UFMG e a Unicamp, mostrou que, em casa, os brasileiros estão aumentando o consumo de alimentos não saudáveis e diminuindo o consumo de alimentos saudáveis.

“Pela demanda que tenho recebido, a qualidade da alimentação piorou bastante para a maioria das pessoas. Com o aumento da ansiedade, ficar em casa, com as lives, aumentou muito o consumo de bebida alcoólicas e petiscos”, destacou a nutricionista da Sampa, Alana Moraes Sessa.



PREOCUPAÇÃO

Lanches e doces

A cabeleireira Kamilla de Souza, 26, mora com o filho, Otávio, 7 anos. Já são mais de três meses de isolamento social e ela está preocupada com a saúde dos dois. Kamilla conta que a alimentação de casa piorou por conta da ansiedade e dos afazeres domésticos.

“Estamos comendo muita besteira como lanches, coxinha, churrasco no grill, além dos doces e biscoitos recheados. Até engordei uns quilos, estou fazendo exercícios online, mas é bem difícil”, desabafou.

Preocupados, médicos alertam que tal comportamento pode deixar as famílias mais vulneráveis a doenças como obesidade, hipertensão, diabetes e até mesmo à Covid-19. “A má alimentação deixa mais vulnerável à Covid-19. Além dela, temos a hipertensão, diabetes, dis-

túrbios do colesterol e outros. O que favorece, acima de tudo, ao ganho de gordura corporal. Também aumenta o risco de complicações por coronavírus”, explicou o nutrólogo Roger Bongestab. Para o nutrólogo Fernando Cerqueira, as famílias estão comendo muito mais embutido, que são ali-

mentos processados. “Tem alto nível de açúcar, sódio, corantes, conservantes e teor de gordura trans. Estes tipos de alimentos podem causar obesidade, além de baixar a imunidade, já que não têm os nutrientes necessários para o nosso sistema imunológico”. O alergista e imunologista Flávio

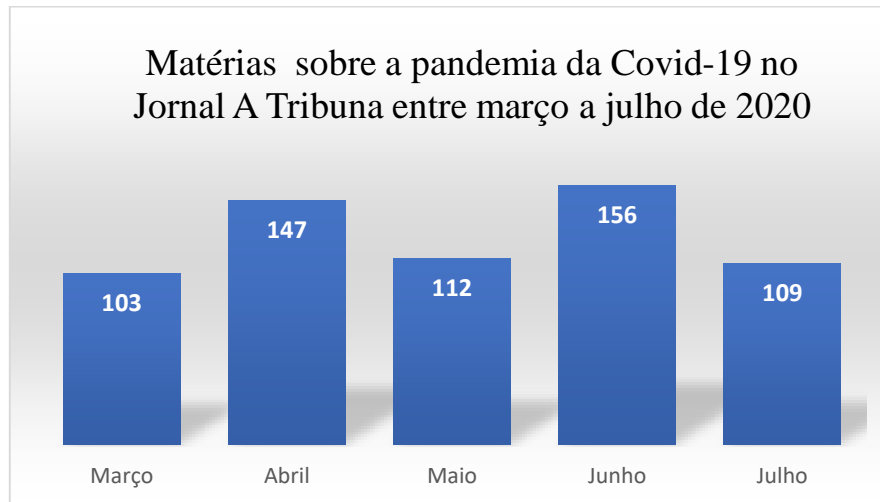
Raimundo Ferreira destaca que a alimentação ruim interfere no equilíbrio do metabolismo, inflamando organismo e nos deixando vulneráveis às doenças. “Praticamente todos os órgãos e sistemas podem ser afetados pela alimentação ruim, dependendo da predisposição genética”.

No dia 28 de junho de 2020, uma reportagem especial abordou a preocupação de especialistas e pais com a alimentação devido a publicação de uma pesquisa que apontou que o brasileiro realizava refeições ingerindo produtos industrializados na quarentena em função do isolamento. Entre os participantes entrevistados, uma nutricionista foi ouvida e relata receber demanda qualidade de alimentação de seus pacientes, o segundo especialista alega que as famílias estão comendo muito mais na pandemia da covid-19, uma mãe que participa da matéria explica que há três meses os filhos se alimentam com lanches e refrigerantes. Nesse sentido, percebe-se que a abordagem feita pela produção da reportagem foi realizada com o enfoque de que o consumo de alimentos industrializados possibilita danos à saúde da população como o aumento de peso deixando as pessoas vulneráveis a doenças. Em nenhum momento da matéria a falta de alimentos foi citada como um dilema presente e real nos domicílios capixabas.

Dessa forma, Wells (2017) comenta sobre a realização de coberturas jornalísticas que mencionam a questão nutricional, segundo o autor as reportagens abordam o estilo de vida do personagem mas deixa de retratar o contexto social e a própria realidade como fato condicionante para a privação do acesso a alimentação saudável. De acordo com o autor “ a cobertura sobre temas relacionados à nutrição é feita pelo enquadramento do estilo de vida, com grande responsabilização do indivíduo sem considerar as questões

sociais, econômicas, ou impulsionadores políticos da mudança de dieta. (WELLS,2017, p. 23).

RESULTADOS



Fonte: o autor

Em relação à interpretação das ocorrências, o Jornal A Tribuna, realiza uma espécie de diário com o desfecho dos acontecimentos com uma cobertura quase que de forma involuntária e operante, é dado amplo espaço para fontes oficiais como o Governo do Estado. A cobertura da vacinação da gripe é feita junto à pandemia da covid-19, algo que no primeiro momento, confunde os acontecimentos naquela ocasião. Sobre a insegurança alimentar, nos 4 meses analisados com 672 matérias, apenas 18 matérias foram encontradas e no contexto do desemprego como motivo de insegurança alimentar.

É necessário realizar a criação de categorias para ampliar e abranger o leque do material empírico em questão diante do objeto de estudo trata-se do enquadramento noticioso lançado sobre a situação da fome no Estado do Espírito Santo, etapa da pesquisa que está será realizada conforme preconiza a metodologia de análise de conteúdo Bardin (2011).

Numa leitura flutuante, etapa atual da pesquisa em andamento, etapa que está prevista na metodologia de análise de conteúdo Bardin (2011), observa-se que as matérias encontradas aparecem com um viés de solidariedade prestada a população em situação de insegurança alimentar. Além do desemprego citado nas matérias, o atraso do Governo em conceder o auxílio, a desorganização do sistema e as mortes ocorridas, inclusive de

capixabas enfrentando 12 horas na fila para conseguir ter acesso ao auxílio ocasionando na morte de uma pessoa vítima de infarto e com fome são relatadas na cobertura. É necessário avançar catalogando mais reportagens para ampliar a noção da cobertura da pandemia da covid-19 e os olhares que foram lançados pelos jornalistas com a situação da insegurança alimentar nas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo tendo apresentado breve material empírico em relação ao curto período analisado até o presente momento, foi possível observar que desde que houve o reconhecimento da pandemia da covid-19 pela Organização da Saúde (OMS) o Jornal A Tribuna dedicou sua cobertura exclusivamente voltada para os desdobramentos da pandemia do novo coronavírus.

Nesse sentido, inicialmente, foi possível analisar que o contexto de insegurança alimentar vivenciado pelos personagens aparece imbuído no relato trazido pelas fontes nas reportagens realizadas devido as circunstâncias em que se encontravam naquela ocasião. Até o momento com as matérias coletadas, verificou-se que não houve uma matéria que retratasse o dilema da insegurança alimentar de forma individual e isolada como uma pauta produzida pelo veículo. Essas questões relacionadas a fome aparecem sempre condicionadas a algum contexto seja ele econômico ou de saúde pública.

Problematiza-se a cobertura jornalística do Jornal A Tribuna em relação a insegurança alimentar nesse contexto, que represente de forma mais aprofundada o dilema social vivenciado pelos capixabas em relação à fome – algo que no primeiro momento não ganha protagonismo nas matérias que analisadas.

Dessa forma, aparece uma lacuna pertinente para se discutir o papel social da imprensa, para isso, é necessário, realizar um debate sobre a prática jornalística, recorrendo as teorias do jornalismo: estruturalistas e construcionistas TRAQUINA (1993) que podem servir de base para solucionar a indagação e problemática do enquadramento noticioso sobre a cobertura da insegurança alimentar no Espírito Santo, questão central que será discutida na dissertação de mestrado sobre a cobertura jornalística de interesse público face a insegurança alimentar no Espírito Santo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, P. **Ricos flacos y gordos pobres. La alimentacion em crisis.** Claves para Todos. Colección dirigida por José Nuri. Editorial Capital Intelectual. Buenos Aires, 2004.

BONFIM, João Bosco Bezerra. **As políticas públicas sobre a fome no Brasil**. Brasília, Consultoria Legislativa do Senado Federal, 2004.

BRASIL, MS; brasil.gov.br/saúde/2017/04/obesidade-cresce-60-em-dez-anos-no-brasil. Acessado 7/11/2021

BRITTEN, N. **Pesquisa qualitativa metodológica**, Rio de Janeiro, Editora Contexto

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 15. ed. Rio de Janeiro: Antares, 2008. 361p. (Clássicos das Ciências Sociais no Brasil)

EPSTEIN, I. **Comunicação de massa para saúde: esboço de uma agenda midiática**. Revista Latinoamericana de Ciências de La Comunicación, 5 (8-9), 132-142. Recuperado de www.eca.usp.br/associa/alaic/revista/r/-9/art_06.pdf

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica** / Carlos Eduardo Franciscato. – Salvador, 2003. 336 p. Tese (doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de & PENA Paulo Gilvane Lopes. **Fome e Pandemia de Covid-19 no Brasil**. TESSITURAS. V.8 S1, Jan-Jun 2020, Pelotas, Rio Grande do Sul.

GUERRA, Josenildo Luiz. **O percurso interpretativo da notícia** - São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju, 2008, 271.p.

HALL, Stuart. **A produção social das notícias**. In TRAQUINA, Nelson (org.) **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa, Vega, 1993

MCCOMBS, M. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SILVA, E. L. MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2009.

TRAQUINA, N. (Org.) (1993) - **Jornalismo: Questões, Teorias e ``Estórias''**. Lisboa: Vega.

WELLS. R. (2017). **Mediating the spaces of diet and health: A critical analysis of reporting on nutrition and colorectal cancer in the UK**. *Geoforum*. 84; v228-238. DOI: 10.106/j.geoforum.2016.05.001